

**Panel 1: Gender and Genre**

**Moderator: Lisa Ortiz-Vilarelle**

**Charles Reeve, OCAD University [[creeve@ocadu.ca](mailto:creeve@ocadu.ca)]**

**Judy Chicago, the 1960s, and the Metaphor of Sex**

“Do women have to be naked to get into the Met. Museum?” the feminist collective Guerrilla Girls once asked, underscoring visual art’s view of women as objects. Unsurprisingly, this masculinism underpins much life writing by visual artists—from Benvenuto Cellini in the Renaissance to Larry Rivers in the late 20th century. However, as feminism infiltrated visual art, women’s voices began to be heard, particularly when, from the early 1970s to the early 1980s, women artists recalled the 1960s: Kate Millett (*Flying* [1974]; *Sita* [1977]), Judy Chicago (*Through the Flower* [1975]) and Anne Truitt (*Daybook* [1984]). Moreover, these women all would produce further reminiscences and their books would be joined by later reflections on the 1960s like Faith Ringgold’s *We Flew Over the Bridge* (1995), Yayoi Kusama’s *Infinity Net* (2011) and Eva Hesse’s dairies (2016).

Reading their books against the cultural and politic tendencies of the 1960s, we see these artists adopting various positions relative to the 1960s’ visual idioms: feminism destroyed Chicago’s engagement with minimalism while tempering Truitt’s engagement with minimalism little if at all, and Ringgold’s intersection of feminism and black activism precluded engaging with that moment’s formalist avant-garde at all. Furthermore, this range of engagements with the artistic avant-garde mirrors a range of engagements with what we might call the sexual avant-garde. Truitt (and, later, Ringold and Hesse) discussed her sexuality modestly. By contrast, Chicago and Millett (and, later, Kusama) foreground sexuality and sexual activity, modeling a sexual agency that opposed the objectifying masculinity dismantled by Millett in *Sexual Politics* (1970). But at a time when sexual liberation was widely celebrated while almost always turning out to mean male sexual liberation, this emphatic female sexual agency seems like a metonym for female agency in general, its urgency facilitated by the art world’s perennially Romantic injunction to be oneself.

**Judy Chicago, os anos 1960 e a metáfora do sexo**

“As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?” perguntou certa vez o coletivo feminista Guerrilla Girls, destacando a visão da arte das mulheres como objetos. Como já esperado, este masculinismo sustenta muitas escritas da vida por artistas visuais — de Benvenuto Cellini, na Renascença, a Larry Rivers, no final do século XX. Contudo, enquanto o feminismo se infiltrava na arte visual, vozes femininas começaram a ser ouvidas, especialmente quando, do início dos anos 1970 ao início dos anos 1980, as

## IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

artistas evocaram os anos 1960: Kate Millett ('Flying' [1974]; 'Sita' [1977]), Judy Chicago ('Through the Flower' [1975]) e Anne Truitt ('Daybook' [1984]). Além disso, essas mulheres todas produziram reminiscências posteriores e seus livros seriam acompanhados por reflexões posteriores sobre os anos 1960 como 'We Flew Over the Bridge' (1995), de Faith Ringgold, 'Infinity Net' (2011), de Yayoi Kusama, e os diários de Eva Hesse (2016).

Lendo seus livros contra as tendências culturais e políticas dos anos 1960, vemos essas artistas adotando diversas posições em relação às expressões visuais da década de 1960: o feminismo destruiu o envolvimento de Chicago com o minimalismo, enquanto fortaleciam pouco, quase nada, o envolvimento de Truitt com o minimalismo, e a interseção de Ringgold de feminismo e ativismo negro impossibilitou completamente o envolvimento com a vanguarda formalista daquele momento. Ademais, este conjunto de envolvimento com as vanguardas artísticas espelha um conjunto de envolvimento com o que podemos chamar de vanguarda sexual. Truitt (e, mais tarde, Ringgold e Hesse) discutiram sua sexualidade moderadamente. Em contrapartida, Chicago e Millett (e, mais tarde, Kusama) focaram na sexualidade e atividade sexual, modelando uma atitude sexual que se opunha à masculinidade objetificante desmantelada por Millett em 'Sexual Politics' (1970). Contudo, num tempo em que libertação sexual era largamente celebrada quando, quase sempre, acabava por significar liberação sexual masculina, esta empática atitude sexual feminina parece uma metonímia para atitude feminina em geral, sua urgência facilitada pela injunção perenemente romântica do mundo da arte de ser a si mesmo.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - [oliveiralucasvictor@gmail.com](mailto:oliveiralucasvictor@gmail.com)]

Charles Reeve has published widely in the fields of modern and contemporary art, with a special emphasis on artists' autobiographies. With Rachel Epp Buller, he is co-editor of *Inappropriate Bodies: art, design, and maternity*, due out from Demeter Press in 2017. He is Associate Professor in the faculties of Liberal Arts and Sciences and Art at OCAD University, where he also is president of the Faculty Association, and is president of the Universities Art Association of Canada.